

Bracher nega solução unilateral

O presidente do Banco Central disse, ontem, que o Brasil continua mantendo entendimentos normais com os credores e que no início de janeiro espera reiniciar as negociações formais com os bancos privados para a rolagem da dívida. Ele negou que o governo esteja considerando a hipótese de moratória ou qualquer outra medida unilateral para o problema da dívida.

Ao participar da cerimônia de posse de seu filho, Cândido Botelho Bracher, na vice-presidência do Banco de Desenvolvimento do Estado de São Paulo, Bracher respondeu a várias perguntas da imprensa sobre a situação externa da economia e em nenhum momento deixou transparecer que esteja sendo preparada alguma decisão mais dura com os credores, como a centralização do câmbio. "Mas também, convenhamos, não se anun-

cia antecipadamente a centralização de pagamentos externos", reconheceu Bracher.

O presidente do BC disse que o problema brasileiro certamente será um dos itens da pauta de discussão dos representantes do Clube de Paris, prevista para o próximo dia 15. Nos últimos meses, o governo brasileiro tem mantido uma posição muito clara em relação a esse grupo de credores: normaliza os pagamentos em atraso — cerca de US\$ 3 bilhões — desde que sejam liberados novos empréstimos.

Os representantes do Clube de Paris, constituído pelas entidades oficiais de crédito de vários países, concordam em reabrir as linhas de empréstimos ao Brasil se houver um programa econômico aprovado pelo FMI. É nesse quadro que deverão desenvolver-se as negociações nas próximas semanas. Bracher assegurou que o Brasil quer

liquidar a dívida vencida com o Clube.

NEGOCIAÇÕES ESQUENTAM

A queda de reservas não dificultará a renegociação da dívida externa. A um correspondente estrangeiro que insistia nessa pergunta, Bracher respondeu: "Ao contrário, a queda de reservas pode até ajudar a renegociação, porque a discussão ficará um pouco mais aquecida. Se fizer muito calor, a gente tira o paletó".

Bracher não confirmou que as reservas externas tenham sofrido novas baixas nos últimos meses, observando que, como presidente do BC, não deve ir além dos dados oficiais que são publicados — geralmente com dois meses de atraso. Concordou que a queda das exportações reduz as reservas, mas lembrou que o último pacote econômico teve como objetivo desaquecer a demanda, o que deverá contribuir para recuperar a balança comercial.